



IMAGINÁRIO E LITERATURA - APONTAMENTOS A PROPÓSITO DE UM ELENCO

BIBLIOGRÁFICO

172

Defluente do resgate romântico da imaginação e partícipe da tendência do reconhecimento da dignidade filosófica, de matriz pós-nietzschiana, do perpétuo movimento da razão que habita o *homo symbolicus*, o imaginário continua, como *locus* reflexivo e como tecido conjuntivo interdisciplinar, a representar um espaço de liberdade interrogante e de ordenação explicativa de um *mundus imaginalis* dominado pela saturação visual da iconosfera contemporânea.

Embora os estudos sobre o imaginário tendam hoje a preterir a tentação de edificar uma teoria conglutinante e omnicomprensiva, múltiplas aproximações, fundadas num fértil diálogo transdisciplinar e com plurais retonalizações teóricas, têm procedido ao *aggiornamento* crítico do conceito, na sua dupla vertente especulativa e operatória. Entendendo o imaginário como a consubstanciação de um conjunto de produções mentais ou materializadas – narrativas, obras de arte, instituições – operada pela intervenção reificante da pulsão imaginativa, Michel Maffesoli sublinhava, em entrevista concedida em 2001, o seu parentesco com o conceito benjaminiano de aura: «O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra – estátua, pintura –, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra»¹.

Ora, a apreensão dessa aura implica a necessária reconstituição da *poiesis* íntima do criador, permitindo deduzir, pela leitura da materialidade da obra, as leis íntimas que organizam a cartografia da sua *rêverie*. Tendo a arquetipologia bachelardiana demonstrado o carácter formalmente constrangido da gramática imaginária, à qual subjaz uma lógica conectiva fundada na coerência isotópica e simbólica, a análise da imagem, numa perspectiva temática, implicará, portanto, acompanhar a sua emergência em múltiplos textos, com vista à detecção, por um lado, das constantes de tratamento por ela indiciadas, e, por outro, dos nexos simbólicos transversais deduzidos a partir das suas ocorrências singulares. Assim, como sintetiza Hélder Godinho, «o estudo do imaginário nos textos literários pode seguir duas vias: ou procura ligá-los ao imaginário universal através dos mitos condutores do imaginário de cada texto (mitocrítica) ou procura usar o estudo do universo imaginário de cada texto para melhor o esclarecer na sua especificidade através da determinação do seu mitoestilo»².

Em sintonia com esta orientação mitoestilística, a aproximação teórico-metodológica que, no contexto dos estudos sobre o imaginário, tem sido codificada pela *poética do sujeito*, revela-se, a vários títulos, particularmente fecunda. Insistindo na articulação produtiva de conceitos difundidos pela teorização sobre o imaginário com a reflexão de incidência especificamente teórica-literária, Christian Chelebourg examina, em *L'imaginaire littéraire*³, as instâncias e processos de

¹ MAFFESOLI, Michel - «O imaginário é uma realidade» [entrevista ao autor]. *Revista Famecos* [em linha]. 15 (2001), p. 74-81, p.75. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>

² *apud* ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo - *Variações sobre o imaginário. Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 151.

³ CHELEBOURG, Christian - *L'imaginaire littéraire*. Paris: Nathan, 2000.



textualização do imaginário do *artifex* literário. Como esclarece o autor, a poética do sujeito – coonestando a dimensão pessoal do trajecto antropológico que Durand fixou para o imaginário com a aliança entre individuação e linguagem de linhagem lacaniana – privilegia a indagação da singularidade do acto de criação, pela pesquisa das constrações subjectivas e das pulsões íntimas que catalisam o acto de escrita. Assim concebido, o imaginário não representa apenas uma construção antropológica, estatuidando, igualmente, a consumação individual de um repertório de imagens-símbolos tendente à elaboração de uma imagem ideal – um «auto-retrato simbólico» – de si.

Trata-se, pois, de, na senda de Bachelard, iluminar a frequentemente insuspeita unicidade da poética transvazada na obra de um autor, expondo as invariâncias da criação e entendendo o imaginário como o regime de intermediação por meio do qual o criador filtra narcisicamente a realidade: «La poétique du sujet s'impose donc comme un point de vue synthétique sur l'imaginaire, considéré, cette fois, comme le moyen par lequel le sujet soumet la réalité à son narcissisme»⁴. Não se trata – ainda que Chelebourg não enjeite a dívida lacaniana – de psicanalisar o autor ou o texto, mas de tornar epistemologicamente rendoso o nó entre o inconsciente e a linguagem, para mais cabalmente rastrear o móbil e a dinâmica da criação literária.

Entendido o protocolo de escrita como *egografia*, o autor delinea, pela mediação estético-verbal consubstancial ao contrato de ficção instituído pela obra, um auto-retrato simbólico, não necessariamente expresso numa figuração explícita, no qual se pode surpreender tanto a presença oblíqua de mitos pessoais como o acto falhado expressivo (o não-dito, o silêncio suspensivo, a rasura elíptica), sendo ambos igualmente reveladores para o hermeneuta do imaginário. Como bem se compreende, a poética do sujeito inscreve-se na mais lata tendência de renovação crítica dos estudos sobre a literatura do eu e a constelação de géneros intimistas. Não se pretende, evidentemente, recuperar um anacrónico paradigma crítico que pressupõe a correlação biografista da criação, tratando-se antes de «examiner les points de convergence du biographique et du littéraire, afin de mieux comprendre les contraintes imaginaires, narcissiques, qui pèsent sur le travail créateur»⁵.

O diálogo entre o textual e o biográfico permite, assim, devolver uma *psicomitria da criação*, isto é, aceder à ficção subjectiva, de radicação imaginária, responsável pela dinamização narcísica da criação. Esse mito, inscrito no psiquismo individual, representa o denominador comum que coliga os múltiplos parâmetros constitutivos da singularidade de um autor: o seu idiolecto, os motivos que tematiza, os complexos que conformam o seu imaginário. Deste modo, por analogia com a variação linguística idiolectal – que assinala a emergência do estilo como expressão de um *logos* subjectivo, de um *trabalho logogenésico do imaginário* –, a poética do sujeito forja o conceito de idiomito. O idiomito está, assim, para o mito como o idiolecto para o discurso transparentemente denotativo. Postulando uma conceituação do mito como partitura imaginária movente, à poética do sujeito interessa averiguar os desvios significantes impostos pela sua retextualização, neles reconhecendo o sintoma da apropriação imaginária empreendida por uma subjectividade idiossincrática.

⁴ *Idem*, p. 109.

⁵ *Idem*, p. 115.



Renunciando a qualquer ambição de exaustividade, o modesto elenco bibliográfico que a seguir se apresenta arrola um conjunto de obras que, de modo dominante ou tangencial, expressamente consagram parte do seu conteúdo à questão do imaginário literário. Deverá, pois, ser tomado como mero instrumento propedêutico de investigação, querendo-se, ainda assim, sintomático da multiplicidade – por vezes desconcertante – de ângulos críticos e derivações teóricas suscitadas pela expressão multimoda do imaginário em literatura.

Paulo A. Cardoso Pereira

Universidade de Aveiro/CEIL

ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo - *Variações sobre o imaginário. Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BAUZÁ, Hugo Francisco - «En torno a l'imaginaire: entrevista al filósofo del *imaginaire* Jean-Jacques Wunenburger», *Anos 90* [em linha]. 14, 26 (2007), p. 217-24. Disponível em

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/viewFile/5397/305>

BOIA, Lucien - *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

BOURDIL, Pierre-Yves - *Les Autres mondes: philosophie de l'imaginaire*. Paris: Flammarion, 1999.

BURKE, Peter - *Eyewitnessing. The uses of images as historical evidences*. Ithaca/New York: Cornell University Press, 2005.

CHELEBOURG, Christian - *L'Imaginaire littéraire*. Paris: Nathan, 2000.

CHELEBOURG, Christian - «Petit lexique de poétique du sujet à l'usage des critiques soucieux d'étudier l'imaginaire de l'auteur». *Image [&] Narrative. Online Magazine of the Visual Narrative* [em linha]. Vol.X, issue 2, 25, [L'auteur et son imaginaire: l'élaboration de la singularité] (June 2009). Disponível em http://www.imageandnarrative.be/l_auteur_et_son_imaginaire/Chelebourg.htm

Circé: *Cahiers de recherche sur l'imaginaire*, 25 [«L'île et le volcan: formes et forces de l'imaginaire»] (Janvier 1997).

DUCARD, Dominique - *La Voix et le miroir: une étude sémiologique de l'imaginaire et de la formation de la parole*. Paris: L'Harmattan, 2002.

DUCH I ÁLVAREZ, LI - *Mito, interpretación y cultura*. Barcelona: Herder, 1998.

DUCH I ÁLVAREZ, LI - *Simbolisme i salut: antropologia de la vida quotidiana*. Barcelona: Biblioteca Serra d'Or/Publicaciones de l'Abadia de Montserrat, 1999.

DURAND, Gilbert - *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.

DURAND, Gilbert - *Champs de l'imaginaire*. Textes réunis par Danièle Chauvin. Grenoble: Ellug, 1996.

FLEURY, Cynthia - *Métaphysique de l'imagination*. Paris: Édit. d'écarts, 2000.



- KEARNEY, Richard - *The Wake of Imagination*. London: Routledge, 1988.
- KEARNEY, Richard - *Poetics of Imagining. Modern to post-modern*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- LEGROS, Patrick - *Introduction à une sociologie de la création imaginaire*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- LIMA, Luiz Costa - *O controle do imaginário. Razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- MAFFESOLI, M. - *L'Instant éternel*. Paris: Denoël, 2000.
- MAFFESOLI, Michel - «O imaginário é uma realidade» [entrevista ao autor]. *Revista Famecos* [em linha]. 15 (2001), p. 74-81. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>
- MARÉCHAL, Ilke Angela (dir.) - *Sciences et imaginaire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- MIRANDA, José A. Bragança de - «Controlo e descontrolo do imaginário». *Comunicação e Sociedade* [em linha]. 4, (2002), p. 49-72. Disponível em http://www.cecl.com.pt/workingpapers/files/ed1_controlo_imaginario.pdf
- MIX, Miguel Rojas - *El imaginario. Civilización y cultura del siglo XXI*. Buenos Aires: Prometeos Libros, 2006.
- MONNEYRON, Frederic, TACUSSEL, Patrick, LEGROS, Patrick - *Sociologie de l'imaginaire*. Paris: Armand Colin, 2006.
- MORALES, Ana M. Morales (ed.) - *Territorios Ilimitados. El imaginario y sus metáforas*. México: UAM-A/UAEM, 2003.
- PATLAGEAN, Evelyne - «L'histoire de l'imaginaire». In LE GOFF, Jacques (dir.). *La Nouvelle histoire*. Bruxelles: Editions Complexe, 1988.
- TURCHI, Maria Zaíra - *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: EdUnB, 2003.
- VÉDRINE, H. - *Les Grandes conceptions de l'imaginaire. De Platon à Sartre et Lacan*. Paris: Gallimard, 1990.
- VERGARA, Abilio (coord.) - *Imaginarios: horizontes plurales*. México: ENAH-BUAP, 2001.
- WETZEL, Marc - *Petit vocabulaire de l'imaginaire*. Paris: Quintette, 2000.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques - «L'Arbre aux Images. Introduction à une topique de l'imaginaire». In ARAÚJO, Alberto Filipe; MAGALHÃES, Justino. *História, Educação e Imaginário*. Braga: IEP/CEEP/UM, 2000, p. 9-18.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques - *La Vie des images*. Grenoble: PUG, 2002.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques - *L'Imaginaire*. Paris: PUF (Coll. «Que sais-je?»), 2003.
- ZIZEK, Slavoj - *The Sublime Object of Ideology*. London: Verso, 1997.